

David Lodge

SURDO MUNDO

Tradução de GUILHERME DA SILVA BRAGA

L&PM EDITORES

1

O HOMEM ALTO, grisalho e de óculos em pé junto à aglomeração no salão principal da galeria, inclinado em direção à jovem de blusa de seda vermelha, com a cabeça baixa e apontada para longe do rosto dela, acenando a cabeça com ares de sábio e emitindo murmúrios fáticos de vez em quando não é, como talvez pudesse parecer, um padre de folga persuadido a ouvir uma confissão durante a festa nem um psiquiatra constrangido a oferecer uma consulta grátis; nem tampouco adotou essa postura para espiar pelo decote da blusa dela, embora essa fosse uma vantagem fortuita da situação, e na verdade a única. O motivo para a postura dele é que o salão está repleto de barulhos, de um burburinho que reverbera na superfície do teto, das paredes e do piso, e rodopia ao redor da cabeça dos convidados, levando-os a gritar ainda mais alto para que sejam ouvidos. Esse fenômeno é conhecido pelos linguistas como o efeito Lombard, descrito por Etienne Lombard, que no início do século XX descobriu que os falantes aumentam o esforço vocal na presença de ruído ambiente a fim de resistir às interferências em suas mensagens. Quando muitos falantes são afetados ao mesmo tempo pelo efeito Lombard, eles mesmos passam a ser a causa do ruído, e assim o efeito tem a intensidade aumentada de maneira exponencial. O homem quase enfia o nariz entre os seios da mulher com a blusa vermelha ao levar a orelha direita para junto dos lábios dela, pois há algum tempo o barulho atingiu um nível que o impossibilita de entender mais do que uma ou outra palavra do que ela diz. “Lado” parece ser uma palavra recorrente – ou seria “dado”? E seria “perdido na rua” ou “pedido de ajuda”? Como

você pode ver, ele é “duro de ouvido”, ou, dito de maneira simples, surdo – não completamente surdo, mas surdo o bastante para tornar a comunicação difícil em muitas ocasiões sociais e impossíveis em outras, como esta.

Ele usa um “aparelho auditivo”, um dispositivo digital e caro, com pequenos componentes em plástico bege que se encaixam nas duas orelhas como filhotes de caracol em suas conchas, que conta com um programa para abafar os ruídos de fundo, embora também abafe os sons em primeiro plano, e a um certo nível de decibéis os ruídos de fundo se tornam muito mais altos do que os sons em primeiro plano, como agora. Pouco ajuda que a mulher pareça ser imune ao efeito Lombard. Em vez de elevar a frequência e o volume da voz, como todo mundo no salão, ela segue falando na altura conveniente a uma conversa em uma sala de estar silenciosa ou a um tête-à-tête em uma casa de chá com poucos clientes. Eles estão falando, ou melhor, *ela* está falando há uns dez minutos, e por mais que tente ele não consegue identificar o assunto da conversa. Talvez a arte exposta nas paredes – fotografias coloridas e ampliadas da devastação urbana e de lixões? Ele acha que não, ela não olha nem aponta para as fotos, e a entonação da fala, que ele percebe com muita dificuldade, não segue o padrão declarativo típico do jargão artístico, ou do besteiro artístico, como ele às vezes diz para provocar a esposa. O tom parece ser mais pessoal, anedótico e confidencial. Ele observa o rosto da mulher em busca de pistas. Ela o encara com seus olhos azuis e para de falar, como se esperasse uma resposta. “Entendo”, diz ele, ajustando o rosto de modo a parecer contemplativo e solidário, na esperança de que uma das expressões seja adequada, ou ao menos que não nenhuma delas seja grotescamente inadequada ao que ela esteve dizendo. Seja como for, ela parece dar-se por satisfeita e recomeça a falar. Ele não retoma a postura anterior: não faz sentido captar a fala dela com o aparelho auditivo direito enquanto o zunzum da festa entra pelo esquerdo, e se tentasse cobrir o ouvido esquerdo com a mão ele só conseguiria um zunido de microfonia, bem como uma postura um tanto excêntrica. O que fazer então? O que dizer quando

ela fizer mais uma pausa? É tarde demais para dizer “*Desculpe, mas não entendi uma palavra do que você disse nos últimos dez minutos*” (a essas alturas já deviam ser quinze). “*Eu sou surdo, sabe... não consigo ouvir nada nessa barulheira!*” Ela perguntaria, com razão, por que ele não a avisara antes, por que a deixara falar, acenando a cabeça e murmurando como se a entendesse. Ela ficaria irritada, constrangida, ofendida, e ele não quer parecer grosseiro. Para começar, ela podia ser uma das clientes de sua esposa, e além do mais era uma pessoa agradável, uma jovem perto dos trinta anos com olhos azuis, pele lisa e clara, cabelos loiros repartidos ao meio e cortados reto, dona de uma bela silhueta – pela fresta ensombrecida entre os seios dela, que mal aparecia pela abertura do decote desabotoado, ele percebia que não haviam sido aumentados artificialmente pelo silicone, nem empinados e empurrados para frente com arame, mas têm a plasticidade trêmula da pele real e solta, com aquela transparência superficial que lembra a porcelana de boa qualidade – e ele não quer causar má impressão a uma jovem atraente que se deu o trabalho de conversar com um velho caquético como ele, mesmo que as chances de um encontro como este voltar a ocorrer fossem mínimas.

Mais uma vez ela interrompe o monólogo e olha para ele com a expressão de quem espera alguma coisa. “Que interessante”, ele diz. “Muito interessante mesmo.” Tentando ganhar tempo para ver se a tática funcionou, ele leva a taça de vinho aos lábios, apenas para descobrir que ela está vazia e que ele precisa empiná-la em uma posição quase vertical e segurá-la assim por alguns segundos até que a borra do Chardonnay chileno escorra por sua garganta. A jovem observa-o, cheia de curiosidade, como se achasse que ele vai fazer algum truque – equilibrar a taça no nariz, por exemplo. O copo dela ainda está quase cheio, pois ela não tomou um gole sequer desde que começou a falar, e assim ele não pode perguntar se ela aceita mais uma taça, enquanto ir sozinho até o bar ou propor que ela o acompanhe no trajeto parecem opções um tanto deselegantes. Por sorte ela parece apreciar o suplício dele – não o suplício real, a total ignorância a respeito do que ela esteve dizendo, mas

a necessidade de mais bebida – e, sorrindo, diz alguma coisa com um gesto em direção à taça vazia, que ele interpreta com uma boa margem de segurança como sendo um sinal de que deve ir ao bar pegar mais vinho. “Acho que é uma boa ideia”, diz ele. “Você também quer mais?” Que pergunta idiota – o que ela faria com duas taças de vinho branco, uma em cada mão? E ela obviamente não é o tipo de pessoa que se dispõe a entornar um copo enquanto alguém lhe traz outro. Mas ela sorri outra vez (um sorriso bonito, que revela uma fileira de dentes pequenos, brancos e simétricos), recusa com um meneio de cabeça e, para desespero dele, faz uma pergunta. Ele sabe que é uma pergunta por causa da entonação ascendente e da maneira quase imperceptível como ela abre os olhos um pouco mais e arqueia as sobrancelhas, e sem dúvida é preciso dar uma resposta. “Claro”, arrisca ele; e como ela parece satisfeita ele acrescenta, cheio de convicção: “Com certeza”. Ela faz mais uma pergunta, à qual ele responde com outra afirmativa, e então, para sua grande surpresa, estende a mão. Sem dúvida ela está indo embora da festa. “Foi um prazer”, diz ele enquanto aperta a mão dela. A pele é fria e levemente úmida ao toque. “Como é mesmo o seu nome? Eu não entendi direito com todo esse barulho.” Ela repete, mas não adianta: o primeiro nome soa meio como “látex”, o que é impossível, e o sobrenome é completamente indecifrável, mas ele não pode pedir que ela repita *outra vez*. “Ah”, diz ele, acenando com a cabeça, como se estivesse feliz por ter entendido. “Obrigado pela companhia, a conversa estava ótima.”

“Quem era aquela moça loira que estava conversando com você?”, Fred me perguntou a caminho de casa. Ela estava dirigindo porque tinha bebido pouco, enquanto eu tinha bebido um bocado.

“Não faço a menor ideia”, respondi. “Ela me disse o nome dela, duas vezes até, mas eu não consegui entender. Não entendi uma palavra do que ela disse. O barulho...”

“É por causa do cimento – faz o som reverberar.”

“Achei que ela pudesse ser cliente sua.”

“Não, eu nunca vi ela antes. O que você achou da exposição?”

“Chata. Insossa. Qualquer um com uma câmera digital pode tirar fotos idênticas. Mas para quê?”

“Eu achei interessante aquele desalento...”

Essa é uma versão resumida da nossa conversa, que na verdade foi mais ou menos assim:

“Quem era aquela moça que estava conversando com você?”

“Quê?”

“Você estava conversando com uma moça loira.”

“Eu não vi Moira. Ela estava lá?”

“Não, Moira não. A moça loira que estava falando com você, quem era?”

“Ah. Não faço a menor ideia. Ela me disse o nome dela, duas vezes até, mas eu não consegui entender. Não entendi uma palavra do que ela disse. O barulho...”

“É por causa do cimento.”

“Por mim não precisa de aquecimento algum, você sabe que eu estou sempre morrendo de calor.”

“Não, eu disse *cimento*. Nas paredes, no chão. Faz o som reverberar.”

“Ah...”

(Pausa.)

“O que você achou da exposição?”

“Achei que ela pudesse ser cliente sua.”

“Quem?”

“A moça loira.”

“Ah. Não, eu nunca vi ela antes. O que você achou da exposição?”

“O quê?”

“A exposição – o que você achou?”

“Chata, insossa. Qualquer um com uma câmera digital pode tirar fotos idênticas.”

“Eu achei interessante aquele desalento...”

“O que tem de interessante em alguém sem talento?”

“Desalento, eu achei interessante o desalento. Você está usando o aparelho auditivo, querido?”

“Claro.”

“Parece que ele não está funcionando muito bem.”

Ela tinha toda a razão. Bati com a ponta da unha no aparelho auditivo direito e só escutei um barulho abafado. A pilha havia acabado sem que eu percebesse. Eu não sabia direito a que altura da festa. Talvez por isso eu não tivesse entendido nada do que a moça loira me disse, mas eu acho que não. Acho que a pilha deve ter acabado quando eu fui ao banheiro, depois que ela foi embora. Lá dentro estava quieto e eu não teria notado a perda de volume, ou então eu a teria atribuído ao relativo silêncio do banheiro quando comparado à cacofonia no salão, e ao voltar para a festa nem ao menos tentei conversar – fiquei apenas fingindo estar interessado nas fotografias, que na verdade não tinham nada de interessante, com desalento, sem talento ou por qualquer outro motivo, e eram apenas banais.

“A pilha acabou”, eu disse. “Será que tento trocar agora? No escuro é meio complicado.”

“Não, não precisa”, respondeu Fred, como ela tem feito nos últimos tempos. Ela entra no meu escritório, digamos, enquanto estou trabalhando no computador, sem o aparelho auditivo porque ele transforma o murmúrio tranquilizador do teclado em um estardalhaço invasivo alto como um velho piano de parede Remington, diz alguma coisa que eu não escuto e então eu preciso decidir em uma fração de segundo se paro a conversa enquanto procuro e coloco o aparelho auditivo ou se tento dar um jeito sem ele, e em geral eu decido dar um jeito, e logo começa um diálogo mais ou menos assim:

Fred: Bu bu bu.

Eu: O quê?

Fred: Bu bu bu.

Eu (*tentando ganhar tempo*): Aham.

Fred: Bu bu bu.

Eu (*tentando adivinhar o que ela disse*): Tudo bem.

Fred (*surpresa*): O quê?

Eu: O que você disse?